

## A CLASSE HOSPITALAR NA CONCEPÇÃO DE SEUS USUÁRIOS

RENATA MARQUES ISSA<sup>1</sup> - UERJ  
EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES<sup>2</sup> - UERJ  
SÍRIA DIAS ISMAEL ROSA<sup>3</sup> - UERJ  
VIVIANE SOUZA DE OLIVEIRA<sup>4</sup> - SME/RJ  
MARIA INÊS ANDRADE CRUZ<sup>5</sup> - SME/RJ

### 1 - Introdução

Um hospital infantil é por excelência um ambiente carregado de emoções contraditórias. A doença exclui a criança de seu ambiente, imobilizando-a social e intelectualmente. Junto ao fato de estar excluída de seu ambiente, estar enferma e ser diferente de seus colegas de escola aparecem com frequência uma queda de autoestima.

Estar fora de seu meio social abala o psicológico e compromete seus aspectos físicos e biológicos, por isso, esse educando hospitalizado necessita mais do que o essencial tratamento médico, já que sofre muito mais com a cisão nos seus laços sociais. Pois como afirma Fonseca (FONSECA, 2000, p. 34):

“Dispor de atendimento de classe hospitalar mesmo que por um tempo mínimo (e que talvez pareça não significar muito para uma criança que atende à escola regular) tem caráter importantíssimo para a criança hospitalizada. Esta pode operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Rua Quintino Bocaiúva 50- centro – Duque de Caxias – 25010-280 – [professoraediclea.uerj@gmail.com](mailto:professoraediclea.uerj@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ) Rua Sílvia, 46 – Piedade – 20740-180 – [renatamarques30@yahoo.com.br](mailto:renatamarques30@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ) – Rua Claudionor Peré, 11 – São João de Meriti – 25555-831 – [diassiriaismael@hotmail.com](mailto:diassiriaismael@hotmail.com)

<sup>4</sup> Professora da Classe Hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira de Duque de Caxias – Pedagoga – Psicopedagoga Institucional e Clínica - Rua Gonçalves Ledo, 1988 - Parque Lafaiete – Duque de Caxias – 25025-200 – [vivisouza\\_80@yahoo.com.br](mailto:vivisouza_80@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Psicóloga Educacional da Coordenadoria de Educação Especial do Município de Duque de Caxias – Consultora do Programa de Classe Hospitalar – Rua Capitão Tamarindo, 70 – Laguna e Dourados – Duque de Caxias – CEP 25011-430 – [nilacruz100@yahoo.com.br](mailto:nilacruz100@yahoo.com.br)

produtos subjetivos de forma positiva, tanto para a vida escolar quanto para a vida pessoal, desvinculando-se, mesmo que momentaneamente, do conteúdo penoso ou de dano psíquico que o adoecimento ou a hospitalização podem provocar.”

O aluno hospitalizado pode atravessar vários problemas psicológicos tendo sentimento de culpa, depressão, ansiedade e a sensação de abandono, principalmente as crianças mais dependentes de seus pais. O aluno precisa incessantemente estar amparado por uma equipe de profissionais que o auxiliam nessa luta em busca de saúde, autoestima e melhoria da qualidade de vida naquele momento.

O papel da educação no hospital e do professor é, inicialmente, propiciar para a criança e para o jovem a compreensão daquele espaço, permitindo que atribua um significado positivo a esta nova experiência, e ofereça possibilidades de acesso a novos conhecimentos, na garantia da continuidade ao seu processo educacional.

Ressaltando-se que existe uma infinidade de patologias infanto-juvenis que se encontram no mesmo ambiente de atendimento médico-hospitalar, um ambiente onde existe dor, debilidade orgânica e necessidade de muito repouso, para tanto é necessário que as práticas pedagógicas também sejam diferenciadas de acordo com a especificidade de cada um, valorizando o espaço de expressão, coletiva ou individual e acolhimento das emoções das crianças e/ou adolescentes hospitalizadas.

A temática da classe hospitalar é abordada em pesquisas em que são relatadas, em sua maioria, as opiniões e conclusões de autores que se preocupam com essa modalidade de ensino. Sendo assim, com essa pesquisa buscamos analisar a concepção de uma classe hospitalar a partir de relatos das próprias crianças internadas no Hospital Infantil Ismélia da Silveira - HIIS, analisando a opinião da criança sobre a classe hospitalar.

Como a pedagogia hospitalar possui uma proposta diferenciada, promovendo novas alternativas como dinâmicas educativas e procedimentos para continuidade escolar ela assume um papel de grande valor na melhoria e qualidade de vida dos hospitalizados.

O projeto de pesquisa “Atendimento Pedagógico Hospitalar e Modalidades de Atendimento em Educação Especial” vinculado a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e o Programa de Classe Hospitalar da Coordenação de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias são desenvolvidos no HIIS desde 2009 recuperando o processo de socialização da criança e/ou adolescente possibilitando também uma relação de afeto entre o professor e o educando colaborando assim para o desenvolvimento desta pesquisa.

## **2 - Metodologia**

O estudo foi realizado no HIIS pertencente ao Sistema Único de Saúde do Município de Duque de Caxias no período de 10 a 22 de Agosto de 2011. Fizeram parte da pesquisa 7 (sete) crianças na faixa etária de 7 à 11 anos, de ambos os sexos sendo dois meninos e cinco meninas e hospitalizados por diagnósticos diversos. Os nomes apresentados nas vinhetas do estudo são fictícios para preservar a identidade dos mesmos

O método utilizado neste estudo foi qualitativo, pois os dados são essencialmente descritivos, já que há uma preocupação em reunir falas, descrições, sentimentos, contextos e acontecimentos. As pesquisadoras atentam para detalhes dos dados para compor a realidade pesquisada. Além de que a obtenção dos dados é feita a partir do contato direto com a situação estudada. E a análise dos dados se dá pelo confronto e discussão epistemológica ancorada no corpo teórico referendado. Pois como afirma Chizzotti (CHIZZOTTI, 2003, p. 222) ao referir-se a pesquisa qualitativa:

“... implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e o autor interpreta e traduz em um texto zelosamente escrito, com perspicácia e competência científica, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.”

O procedimento de coleta de informações foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e por desenhos. As entrevistas foram individuais, contendo, além dos dados

de identificação, questões pertinentes ao cotidiano na escola antes da internação e o cotidiano na classe hospitalar. Os desenhos foram dirigidos quando a criança era convidada a desenhar a classe hospitalar, sendo sempre estimulada a falar sobre os mesmos.

Segundo Wallon (1941) o desenho, que é uma forma de expressão, é revelador de pensamentos, porque também é uma forma de linguagem. Pelo desenho a criança demonstra o conhecimento conceitual que tem da realidade e quais os aspectos mais significativos de sua experiência. Quando pedimos aos entrevistados que desenhassem uma situação vivenciada por eles no ambiente da sala de aula do hospital, tivemos diversas formas de expressões que fundamentam tais teorias.

A sistemática adotada para a evolução da análise dos dados seguiu uma rotina normativa, sendo cada instrumento analisado separadamente. Após o término da coleta de dados foi realizada uma análise de conteúdo que deu origem a categorias apresentadas e discutidas a seguir.

## **Resultados**

A partir do procedimento de análise foi possível obter informações sobre: a experiência escolar do aluno hospitalizado; a experiência vivenciada na sala de aula do hospital; o brincar dentro de um ambiente hospitalar e a expressão de suas concepções acerca da classe hospitalar por meio do desenho.

Os resultados que esta pesquisa aponta levam-nos a compreender que o papel da educação junto à criança hospitalizada é resgatar sua subjetividade, ressignificando o espaço hospitalar por meio da linguagem, do afeto e das interações sociais que o professor pode propiciar. Portanto, é possível pensar o hospital como um espaço de educação para as crianças internadas no Hospital Infantil Ismélia da Silveira.

Convém demarcar que as respostas receberam tratamento qualitativo. A seguir descreveremos e discutiremos cada um dos temas encontrados no discurso dos participantes.

## **Discussão**

O trabalho pedagógico em hospital não possui uma única forma de acontecer. O professor tem de se reconhecer como pesquisador do seu fazer, buscando novas respostas para eternas novas perguntas. Como referência à escola, o professor pode tornar-se a ponte, através da realização de atividades pedagógicas e recreativas, com um mundo saudável (a escola) que é levado, pelas próprias crianças, para o interior do hospital como continuidade dos laços de aprendizagem e de vida.

A contribuição das atividades pedagógicas para o bem estar da criança enferma aciona o lúdico como um canal de comunicação com a criança hospitalizada, procurando fazê-la esquecer, durante alguns instantes, o ambiente necessário, porém fisicamente agressivo no qual se encontra, resgatando sensações vividas anteriormente à entrada no hospital e permitindo a elaboração da realidade vivenciada

Analisaremos através de vinhetas a compreensão do espaço da escola hospitalar que os entrevistados obtiveram no período da internação, onde o desenho foi o meio que permitiu organizarem informações, processar experiências vividas e pensadas, estimulando-as a desenvolver um estilo de representação singular do mundo.

*Vinheta 1* – Mônica, sete anos, cursa o 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Glauber Rocha, no Estado de São Paulo. Internou-se com princípio de Pneumonia. Ressaltando-se que mora em São Paulo, porém veio visitar a tia. No desenho da Mônica aparece brinquedo e classe num mesmo ambiente, bem como a presença do sol, de nuvens e de um caminho, uma passagem. São elementos que revelam alegria, bem-estar, sugere uma proximidade entre o brincar e o aprender. Indica uma relação de prazer entre a aprendizagem e o brincar num ambiente (classe hospitalar) que considera “legal”, mais legal que sua escola e que possui atrativos como livros e brinquedos ao seu alcance.

*Vinheta 2* – Pâmela, onze anos, cursa o 5º ano do Ensino Fundamental no Centro Educacional Pereira de Souza, no Bairro Vilar dos Telles. Realizou uma operação para a retirada de Apendicite. O desenho da Pâmela que demonstrou através de sua produção gráfica (desenho e frase) que considera como espaço de aula e de aprendizagem tanto o interno (interior da sala)

quanto o externo (pátio) onde normalmente ocorrem as comemorações (festa junina, dia das mães, páscoa, dia das crianças, etc). Mostra um espaço aberto, livre como se sente durante as aulas da classe hospitalar a vontade para fazer as atividades. Revela que a classe hospitalar é um espaço para ler, brincar, pintar fazer dever, distrair-se fora da enfermaria e aprender com prazer e liberdade.

*Vinheta 3* – Marcelo, oito anos, cursa o 2º ano do Ensino Fundamental na Escola Casa de Alcâmera em Parada de Lucas, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Internou-se devido a uma fratura no braço esquerdo devido a uma queda. O Marcelo representou o espaço da recreação e da classe hospitalar, onde aparece o parquinho, a sua brincadeira com carrinho e um coração representando o seu sentimento pela professora, recreadoras e estagiárias. Demonstra que vê a sala de aula como um espaço de passagem, como a rua de seu carrinho.

*Vinheta 4* – Priscila, sete anos, cursa o 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Jardim Gramacho em Duque de Caxias. Foi internada com Celulite no pé direito proveniente de um corte no local. A Priscila demonstrou através de seu desenho que o espaço da classe hospitalar é como uma casa que enfeitou com flores de que tanto gosta. Seu desenho não tem porta, aparece uma janela no telhado e chaminé, demonstrando o quanto considera importante a relação de aceitação e diálogo com outras pessoas. Mostrando-se sensível e revelando que a classe hospitalar é lugar de estudar e de brincar, é divertido e tem pessoas com quem gosta de conversar, “dá pra distrair um pouquinho”.

*Vinheta 5* – Andressa, sete anos, cursa o 1º ano do Ensino Fundamental no Colégio CEJAC, em Belford Roxo, Município realizado na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Internou-se devido a Diabetes. No desenho da Andressa tivemos um fato bastante interessante e ausente em todos os outros desenhos, pois ela representou o envolvimento que tem com outras crianças na sala de aula do hospital, um espaço fechado, porém com saída e muito semelhante a uma casa. Sugere uma relação prazerosa da aluna na classe com suas colegas na busca de contato social como algo positivo.

*Vinheta 6* – Gabriela, oito anos, cursa o 2º ano do Ensino Fundamental no Colégio Hebron em Belford Roxo. Internou-se devido a uma fratura na perna esquerda devido a uma queda. A Gabriela se representou no espaço da sala de aula do hospital sorrindo demonstrando uma felicidade por estar desfrutando daquele espaço incluindo ainda em seu desenho os mobiliários específica da classe assim como desenhou flores, que segundo ela caracterizam uma forma de afeto.

As entrevistas realizadas com crianças hospitalizadas no Hospital Infantil Ismélia da Silveira revelam que as práticas engessadas que ocorrem no interior das escolas, onde se tem hora para a entrada, para a saída, para brincar e comer diverge da classe hospitalar que rompe com este paradigma quando de forma flexível e peculiar respeita o tempo e os limites de cada alunopaciente. Fato este que se destaca na fala da maioria dos entrevistados, pois estes caracterizam o espaço escolar como o lugar onde eles fazem deveres, merendam, brincam, porém em um determinado limite de tempo. E ao referir-se a classe hospitalar demonstram uma satisfação ao atendimento a que são submetidos, como foi o caso da Pâmela que se sente a vontade para realizar as suas atividades, na sala de aula do hospital.

Percebemos também no relato das crianças a satisfação e o prazer ao responderem sobre a atividade que mais gostam de realizar na sala de aula da classe hospitalar. Em contrapartida a mesma atividade descrita por elas como prazerosa na classe hospitalar aparece, na maioria das crianças entrevistadas, como algo negativo, que não lhes proporciona prazer na sala de aula da escola, como foi o caso da Gabriela que não gosta de fazer os deveres da escola, porém gosta de realizar os deveres que a professora da classe hospitalar oferece. Com professores em ambiente hospitalar, as crianças internadas têm a oportunidade de trabalhar seus conhecimentos escolares quase que individualmente, uma vez que o grupo de crianças é menor do que aquele encontrado nas escolas regulares.

Nestas declarações constatamos o quanto a construção da prática pedagógica hospitalar rompe com as práticas rotineiras e tradicionais da escola, pois as crianças expressam com naturalidade o que realmente sentem, exprimindo o que é de fato significativo para elas.

Sobre isto, (Matos e Mugiatti, 2008, apud Cardoso, 1995, p.48) destaca:

“Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente *razão, sensação, sentimento e intuição* e que estimulem a *integração intercultural* e a *visão planetária das coisas*, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação – além de transmitir e construir os saber sistematizado – assume um papel terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal.”

A classe hospitalar inserida em um espaço dinâmico, com suas especificidades (ambiente incomum, rotina estressante, procedimentos médicos invasivos e uma equipe médica desconhecida) passa a ser o um dos canais com o mundo fora do hospital para a criança. Ela descobre que no espaço da sala de aula do hospital suas vivências escolares são consideradas.

Ao realizar as atividades (brincadeiras, jogos, pinturas e deveres) a criança consegue extrapolar suas emoções e na maioria dos casos, transforma-se em alívio e conseqüentemente, trazem satisfação.

Durante as interações na sala de aula do hospital, a brincadeira e o brinquedo tornaram-se, também, o fio condutor de toda a ação pedagógica empreendida junto às crianças e adolescentes hospitalizados. Embora não seja um aspecto predominante da infância, o brinquedo “é um fator muito importante do desenvolvimento” (Vygotsky, 2000, p.133).

Entre as possíveis estratégias utilizadas por crianças para enfrentar condições estressantes encontra-se o brincar, recurso utilizado tanto pela criança como pelos profissionais para lidarem com as adversidades da hospitalização. Sendo assim constatamos que para os entrevistados o brincar no ambiente hospitalar se tornou um mecanismo tão necessário para eles, já que reelaboram sua realidade e representam papéis que não são os seus, como relata a Mônica que brinca na classe hospitalar como professora, recriando um ambiente escolar completamente adverso ao espaço hospitalar, e criando um alunado com as bonecas e ate mesmo com as outras crianças para representar uma situação vivida por ela. Outras brincam com carros e bonecas, brinquedos que são substituíveis e permitem que a criança repita



situações prazerosas e dolorosas que, entretanto ela por si mesma não pode reproduzir o mundo real.

Entendendo o brincar como uma função básica da criança, que brincando ela explora, descobre, aprende e apreende o mundo a sua volta e que numa situação de internação hospitalar, toda a sua rotina é modificada, a brinquedoteca apresenta-se como uma alternativa rica para atender a essa demanda. O trabalho com brinquedotecas nos hospitais é atual e necessário para o bem estar de crianças e adolescentes no período o qual estão internados, pois como relatam a Priscila, a Andressa e Pâmela o brincar dentro do hospital possibilita que elas se distraiam, esqueçam por alguns instantes que estão doentes e no hospital. Sendo assim a brinquedoteca é um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização. Através das brincadeiras coletivas, elas desenvolvem aspectos de socialização, desenvolvimento motor e cognitivo.

A recreação como proposta terapêutica busca junto da criança enferma resgatar seu lado sadio, servindo como agenciamento de criatividade, das manifestações de alegria e do lazer que recriam energia e vitalidade muitas vezes superando barreira e preconceito de que doença e hospitalização são lugares de solidão, saudade e sentimentos dolorosos (CECCIM, 1997, p. 60)

Cabendo-se ressaltar que o Hospital Infantil Ismélia da Silveira tem o privilégio de oferecer as crianças hospitalizadas o serviço de Recreação e Classe Hospitalar, que juntos desenvolvem propostas lúdicas – pedagógicas diárias e flexíveis para atender as necessidades de cada criança enferma.

O que foi sido possível observar também nesses espaços é que, tanto a contação de histórias, como a realização de trabalhos artísticos com a utilização de tintas e desenhos, eram atividades bastante requisitadas pelas crianças. Outro ponto bastante interessante refere-se ao colorido e os brinquedos característicos desses espaços, pois pareciam exercer um fascínio sobre as crianças, pois todas gostavam de se reunir ali. Todos os entrevistados relataram um

encantamento com o espaço, já que possui brinquedos variados assim como livros e materiais pedagógicos ao alcance de todos.

Através das entrevistas e das análises dos desenhos pudemos constatar que as aprendizagens, as brincadeiras dentro do de um ambiente hospitalar causam boas sensações que são vividas pelas crianças e jovens, interagindo-se e explorando os ambientes intelectuais e sociais de maneira significativa.

### **Conclusão**

Constatamos que, enquanto professores, precisamos estar atentos para como significamos as ações e atitudes do outro que afetam não só as emoções e visões de mundo, mas também a constituição de si. Wallon (1975, p.375) lembra-nos que “não há forma de se dirigir à inteligência da criança, sem se dirigir à criança nos seu todo”.

Portanto, é possível pensar o hospital como um espaço de educação para as crianças internadas. Mais do que isso, é preciso pensá-lo como um lugar de encontros e transformações, tornando-o um ambiente propício ao desenvolvimento integral da criança.

Concluimos com esta pesquisa que as crianças hospitalizadas não deixam de ser crianças por se tornarem pacientes. Elas caracterizam-se por intensa atividade emocional, movimento e curiosidade. A educação no hospital precisa garantir a essas crianças o direito a uma infância saudável, ainda que associada à doença.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Resolução nº. 41 de 13 de outubro de 1995. Disponível no site: [www.mj.gov.br](http://www.mj.gov.br). Acessado no dia 16 de Julho de 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes nacionais para Educação Especial na Educação Básica/ Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.**



\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil**. 1996.

CECCIM, Ricardo Burg.. **Criança hospitalizada- atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 1997.

\_\_\_\_\_. **Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar**. Ano 3, nº10, p.43, ago/out 1999.

\_\_\_\_\_. FREITAS, Soraia Napoleão; PEIXOTO, Aromilda; FONSECA, Eneida Simões da. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sócias: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, v.16 nº 02, p. 221 – 236, 2003

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. **Construindo um hospital hospitaleiro: acolhendo a família**. In: Anais do III Encontro Nacional e I Encontro Baiano sobre Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar. Salvador, 2004, p.30-40.

\_\_\_\_\_. GLAT, Rosana; ORRICO, Hélio; REDIG, Anie & FEIJÓ, Gabriela. **A inclusão de pessoas com necessidades especiais através dos projetos de extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva da UERJ**. In: Revista Interagir: pensando a extensão. nº 7. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma proposta para o redimensionamento do atendimento educacional em rede pública de ensino a pessoas portadora de retardo mental**. In: O campo de Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, Te Corá Editora, 2000.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar: revisto e atualizado**. 2. ed. São Paulo: Memnon Edições Científicas Ltda, 2008. V. 1. p. 104.



VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 - ISSN 2175-960X – Pg. 1849-1860

\_\_\_\_\_. **Classe hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados.** In: Revista Temas sobre Desenvolvimento, V.8, Nº 44, Memnom, São Paulo, pp. 32-37, 2000.

FONTES, Rejane de. **As possibilidades da Actividade pedagógica a como tratamento sócio-afectivo da criança hospitalizada** <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf>. Acessado em 13 de agosto de 2010.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas **Pedagogia hospitalar - A humanização integrando educação e saúde - 3. ed.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. p. 117

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche, 2000.

WALLON, Henri, **A evolução psicológica da criança.** Rio de Janeiro: Andes, 1941.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.